

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	16.º Anno — XVI Volume — N.º 521	Redacção — Atelier de Gravura Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	\$950	\$120	11 DE JUNHO DE 1893	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel, Caetano Alberto da Silva.
Possesões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



ANTONIO CARVALHO DA SILVA PORTO
FALLECIDO EM 1 DO CORRENTE
(Desenho de Freire gravura de Alberto)



CHRONICA OCCIDENTAL

Como aqui tínhamos dito realisou-se nos primeiros dias do mez corrente a viagem de El-Rei e da Rainha de Portugal á cidade de Beja, que pela primeira vez teve a honra de receber Suas Magestades.

O povo bejense fez uma recepção brilhante e entusiastica aos regios visitantes; foram magnificas as festas com que commemorou a real visita, visitas que estreitam sempre os laços de sympathia e de amizade entre os Reis e os povos, sobre tudo quando os monarchas pelo seu character, pela sua bondade, pelo seu coração e pelo seu tracto sabem tão bem conquistar sympathias e dedicações como El-Rei D. Carlos, como a Rainha D. Amelia, que por toda a parte onde vae se vê logo cercada de entusiasticas adorações.

Durou tres dias apenas a estada de Suas Magestades em Beja — chegaram no sabbado 3, á 1 hora da tarde e regressaram na segunda feira ás 2 — mas bastaram essas curtas horas de convivencia para que o povo de Beja se despedisse dos seus augustos visitantes, a chorar de saudades, como se separasse d'amigos velhos e queridos.

Acompanharam Suas Magestades, como tambem aqui dissemos os srs. presidente do conselho de ministros e ministros do reino e das obras publicas.

El-Rei e a Rainha vieram encantados com a sua viagem e falla-se já n'uma proxima digressão á provincia do Algarve, que Suas Magestades não conhecem ainda.

* * *

Em Lisboa deu-se na semana passada um acontecimento tristissimo, que veio cobrir de lucto a arte portugueza — a morte do illustre paisagista Silva Porto.

Silva Porto era um dos mais notaveis pintores da nossa terra; pelo seu brilhante talento, pela sua distincta arte, era dos primeiros entre os primeiros e os seus quadros, as suas magnificas paisagens são honra da pintura contemporanea portugueza.

Muito trabalhador, muito modesto, completamente alheio ao *réclamo*, não usando tocar tambor á porta da sua barraca, Silva Porto vivia muito retirado, todo entregue aos seus quadros e á sua familia. Chamado a Lisboa para na Escola de Bellas Artes succeder ao pobre e grande Thomaz da Anunciação, Silva Porto mostrou-se á altura das responsabilidades, que essa successão lhe trazia e manteve gloriosamente as tradições brilhantes do illustre paisagista.

Em todas as exposições artisticas, que n'esses ultimos annos se fizeram na nossa terra, Silva Porto appareceu sempre e em logar d'honra.

Era um grande artista e um excellento homem, e a sua morte inesperada, o seu prematuro desaparecimento na força da vida, quando tanto havia ainda a esperar do seu formoso talento e da sua fecunda actividade, é uma enorme perda para a arte nacional, e abre n'ella um vacuo difficilissimo de preencher.

Em artigo especial o OCCIDENTE presta hoje n'outro logar ao eminente e malogrado artista a homenagem que lhe é devida.

* * *

Vão lá perceber isto!

A estação theatral que está a findar, foi nos primeiros mezes, apesar da crise financeira, apesar da abundancia de casas de espectaculos uma das mais felizes, que os nossos theatros tem apanhado, e agora que muitos d'esses theatros estão fechados, que os receios e apprehensões que a crise inspirava se desvaneceram muito mais, o publico tem fugido dos theatros e dos circos, e a época que tão bem foi até mais de meio, acaba d'uma maneira desgraçada.

Lembram-se ainda com certeza do que se passou com a época lyrica italiana não é assim?

Quando toda a gente dizia, que era impossivel dar theatro de S. Carlos sem subsidio; que se alguém se mettesse n'isso perderia rios de dinheiro, o sr. Freitas Brito toma a empreza de S. Carlos e sem subsidio, e tendo que illuminar á sua custa o theatro, ganha um bom par de contos de réis, um ganho como ha muitos annos não tinham, com subsidio e illuminação gratuita, as emprezas do nosso theatro lyrico.

A assignatura foi enorme, como não havia memoria nos annos de S. Carlos, e apesar da companhia não ser boa, porque o Massini estava muito escangalhado já, o GabrieleSCO, doente, a Arkel não valia muito, e o Kaschmann, que era ainda muito bom, poucas vezes cantou; apesar de todas as operas deixarem mais ou menos a desejar, de não haver nenhuma que fizesse *sucesso* real, a concorrência ao theatro foi enorme, ao mesmo tempo que quasi todos os outros theatros tinham sempre gente, e D. Maria quasi sempre enchente. Vem a companhia d'opera comica franceza, um genero muito querido do nosso publico e que poucas vezes cá temos, os preços são diminutos, a assignatura curtissima, vinte recitas apenas, a sete tostões a cadeira, menos um tostão ainda que os *fauteuils* do theatro da rua dos Condes, e o theatro nunca se enche, nem mesmo na primeira noite!

A estreia não foi feliz. A *Mirville* não agradou; mas a empreza substituiu logo os artistas. Vem a sr.^a Traquini d'Or que agrada immenso e com plena justiça.

Tres operas — duas d'ellas das mais queridas e populares em Lisboa — a *Carmen*, o *Fausto* e a *Mignon* alcançam um *sucesso* enorme e verdadeiro; a *Carmen* um desempenho como nunca teve em italiano pela Traquini d'Or e tenor Grandubert, o *Fausto* um desempenho como raras vezes tem tido em S. Carlos, a *Mignon* um exito superior ao da *Mignon* pela Van Zandt, porque, no 1.^o acto sobre tudo, a Traquini d'Or, aguentava perfeitamente o confronto com a celebre *estrella*, e apesar de tudo isto nunca houve meio do theatro se encher, e a empreza, — *Associação 24 de julho* — perdeu ainda, segundo consta, uns contos de réis com a exploração da companhia franceza.

Se essa companhia fosse má, ou mesmo se fosse boa e não agradasse — o que acontece algumas vezes — levantava-se isso. Se a companhia não se tivesse levantado do desastre da primeira noite, explicava-se

Mas não senhor, a companhia teve um agrado enorme; quem lá ia applaudia immenso, sabia de lá satisfetissimo, dizia maravilhas, os jornaes todos á uma repetiam, e com plena justiça essas maravilhas, mas o publico não ia lá.

Nas ultimas recitas a empreza, depois de partir a sr.^a Traquini d'Or apresentou uma novidade de sensação, um grande artista a valer, de quem o publico de S. Carlos tinha as mais gratas e entusiasticas recordações, o barytono Devoyod.

Estreou-se no *Fausto*, elle que é um incomparavel Valentim, e na noite da estreia o theatro estava quasi deserto.

— Porque?

Explicou-se essa ausencia do publico por ter constado que o Devoyod vinha arrazado, já não era o mesmo.

Elle canta e vê-se que é ainda o mesmo grande artista, o mesmo extraordinario Devoyod do *Fausto*, do *Rei de Lahore*, do *Guilherme Tell*, da *Africana*, da *Laurianna*, dos *Huguenotes*, operas em que nunca entre nós foi igualado.

No dia immediato repete-se o *Fausto*, e a casa menos de meia

Na noite a seguir despede-se do publico, elle e a companhia. Canta dois actos do *Rigoletto* e a scena e aria da loucura do *Carlos 6.^o* de Halevy, scena em que elle é assombroso como cantor e como tragico, scena que figura entre os trabalhos artisticos mais extraordinarios do theatro lyrico contemporaneo e o publico não vae lá.

E por isso repetimos:

Vão lá perceber isto!

* * *

O publico não ia a S. Carlos. A companhia era excellente, extraordinario o *sucesso* das peças para aqueles que lá iam, mas o publico não ia lá.

Porque? Porque estava nos outros theatros?

Mas os outros theatros, inclusivè os circos tinham e continuam a ter uma concorrência diminuta.

No Gymnasio estava ao tempo uma companhia dramatica hespanhola.

N'essa companhia havia uma actriz que na unica vez que a vimos — na *Marianna* de Echu-garay, — não nos maravilhou mas que nos affirmam criticos e homens de theatro, que nos merecem plena confiança, que na *Dama das Camélias*, no *Divorçons* e no *Demi Monde* era positivamente extraordinaria e não obstante essa actriz, que nos dizem ser tão notavel, representou sempre para os bancos do Gymnasio e a companhia teve de retirar porque perdia um dinheirão.

No Colyseu de Santo Antão está uma companhia d'opera comica que nos dizem ser muito ra-

soavel, mas dizem nos tambem que a concorrência não está em relação com o agrado e o merecimento da companhia.

E nos outros theatros a mesma coisa. As peças agradam mas o publico não vae lá.

O theatro da Trindade fez excepção a esta triste regra dos theatros de Lisboa com duas magnificas enchentes — uma no beneficio de Mercedes Blasco, outra no beneficio do actor Augusto.

Mercedes Blasco é uma gentilissima atriz *doublée* d'uma escriptora distincta. Canta, representa e faz versos o que é vulgar, mas faz bons versos o que é mais raro.

Tem talento, illustração, vivacidade e elegancia.

Com estes trufos todos tem certo o ganhar a partida.

Appareceu ha muito pouco tempo no theatro e appareceu logo por cima, nos primeiros papeis, não deu annos a aprendizagem.

Estas entradas assim tem muito perigo. Se não ha talento é trambulhão certo. Quando o ha pôde se cambalear ás vezes, mas o triumpho é certo, mais cedo ou mais tarde. Blasco ao principio cambaleou um bocadinho, mas como tem talento aguentou-se no balanço e vae já a bom caminho.

Em poucos annos tem já alcançado muitos triumphos e no dia em que tiver um papel que tenha feito, e que ella trabalhe com alma e com gosto, encontrará com certeza o seu grande *sucesso* de consagração.

Tivemos muita pena de, por um incommodo de saude, não poder applaudir a na noite da sua festa, que foi brilhante segundo lemos nos jornaes, como era de direito.

N'essa noite Mercedes Blasco cantou umas cançonetas francezas, do repertorio da Yvette Guilbert, mas cantou-as pelo processo da celebre *divette* que é muito differente da maneira a que estamos habituados.

Sabemos que foi muito applaudida n'essas cançonetas, mas Mercedes Blasco tem estofo para muito mais, do que para esse genero desacreditado, que pouquissimo ou nada tem que ver com a arte do theatro.

Pelo seu talento, pela sua illustração, pelo seu temperamento artistico, Mercedes Blasco tem obrigação de ser uma actriz a valer. Tem tudo para isso: falta-lhe apenas uma coisa que depende só d'ella, ter um bocadinho de pachorra para estudar e trabalhar um papel.

E n'esse dia ella terá um grande triumpho, e o theatro portuguez uma grande alegria.

* * *

Augusto é um dos actores mais queridos do nosso publico. Tem muitos amigos — todo o publico do theatro da Trindade. Os seus beneficios são sempre festas brilhantes, festas do orago da casa.

Não pudémos ir abraçal-o, por continuar a prender nos em casa o mesmo incommodo de saude, que nos prohibiu de ir applaudir a Blasco e por isso nada podemos dizer da peça nova, que elle levou em beneficio — *D'Artagnan*.

* * *

E a respeito de theatros, onde tem havido grande concorrência é no theatro de S. Bento á peça de grande espectaculo *A Eleição de Thomar*.

D'essa original *ferie* porém será critico theatral o nosso prezado collega João Verdades.

Enviamos portanto para essa *secção* os nossos prezados leitores.

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

O MERCADO VINTE E QUATRO DE JULHO

Um violento incendio destruiu quasi totalmente o mercado Vinte e Quatro de Julho, em a tarde do dia 7 do corrente.

Este mercado era, depois do da Praça da Figueira, o mais importante de Lisboa, tendo sido inaugurado em o dia 1 de janeiro de 1882.

Mandado construir pela camara municipal no

terreno occupado pelo antigo forte de S. Paulo e junto ao velho mercado da Ribeira Nova, substituiu vantajosamente este ultimo, tanto em vastidão como em accommodações bem dispostas conforme o sistema mais moderno de este genero de edificações.

O projecto foi do distincto engenheiro da Camara sr. Ressano Garcia, mas logo se lhe notou a circumstancia do mercado ser fechado, sobre os inconvenientes e vantagens do que se ventillou larga discussão, terminando pela camara votar, por maioria de quatro votos, que o projecto se executasse como estava, isto é — o mercado fosse fechado.

Houve agora infelizmente occasião de reconhecer praticamente mais um inconveniente do mercado ser fechado, porque a esta circumstancia se deve, principalmente, o incendio não poder ser combatido como era mister, e alcançar o incremento que se viu, destruindo quasi por completo o edificio, pois além de toda a ala do poente que ficou totalmente derruida ainda fez estragos no resto da edificação.

O mercado tinha oito entradas, sendo tres na frente principal, outras tres na opposta e uma em cada face lateral.

Nas suas quatro faces tinha quatro galerias cobertas e devidas em repartimentos constituindo logares para venda de varios generos. Ao centro um terrado descoberto e quadrado, com bancas de pedra convenientemente dispostas para venda de peixe.

O incendio manifestou se na galeria do poente, em o lugar n.º 43, 45, e 47 pertencente ao sr. Carlos Carinhas, por uma explosão de gaz, que rapidamente incendiou o dito logar e se communicou a toda a galeria, sem ser possível cortar lhe a carreira, rompendo tambem pelo lado norte até a galeria do nascente.

A destruição na galeria do poente, onde estava estabelecido o deposito de machinas da Companhia Real Promotora de Agricultura Portugueza, foi total, na parte occupada pelas machinas, escapando apenas das chamas o escriptorio da companhia, onde ficaram intactos os livros de escripturação, cofre e moveis.

A construção d'este mercado custou á camara municipal de Lisboa, segundo os orçamentos, a quantia de cento e doze contos de réis.

É provavel que na reconstrução que se vai fazer se emende o erro do mercado ser fechado, não só pelos inconvenientes agora reconhecidos com o destruidor incendio mas ainda como pouco hygienico e prejudicial a conservação de certos generos de que ali se faz venda.

INSTITUIÇÕES SOCIAES PORTUGUEZAS

XI

A CONGREGAÇÃO DO ORATORIO

Agora que tanto por ali se está fallando da reforma dos estudos, vindo, por vezes, á trela da discussão os afamados collegios dos jesuitas e dos clérigos seculares, suggeriu-nos a ideia de acrescentarmos mais um capitulo á serie dos modestissimos artigos que aqui temos publicado sob a epigrapha de *Instituições sociaes portuguezas*, e que, nos parece, terem sido recebidos com um certo agrado pelos leitores d'esta revista.¹

A *Congregação do Oratorio* constituirá pois o XI capitulo dessa serie, e, n'este capitulo mostraremos os relevantissimos serviços que os chamados padres do Espirito Santo prestaram aos estudos publicos com os seus famosos collegios e o seu incomparavel methodo d'ensino. Provaremos, em face da razão, fundados em testemunhos insuspeitos como esses benemeritos padres eram primorosos como educadores, como era admiravel a sua orientação no ensino publico, no qual entrava a sua nunca desmentida austeridade, um dos melhores predicados para o bom aproveitamento dos seus jovens educandos. Mostraremos como elles iam formando a alma pelo seu exemplo e as suas doutrinas, em harmonia com o verdadeiro culto da religião e os deveres de bem servir a patria, quer defendendo-a nos campos da batalha, quer fazendo-a conhecida e respeitada nas inhospitas plagas da Africa, ou nas longinquas regiões da Asia e da America.

Dizem-nos que a Academia Real das Sciencias offerece premios a quem apresentar as melhores memorias sobre este e outros assumptos. Bem-haja

essa illustrada corporação, e que não sejam esses premios os unicos incentivos com que ella estimule os nossos homens de letras nas questões importantes, quer nas sciencias moraes e politicas, quer nas sciencias physicas e naturaes, quer ainda nas bellas letras na vasta complexidade das suas manifestações.

Nós, que na penumbra da nossa modesta individualidade trabalhamos de coração para tudo quanto tenha por fim desenvolver a cultura intellectual; nós que não aspiramos a premios pecuniarios, tendo só em mira prestar mos, com o nosso fraco concurso, alguns elementos de estudo e comparação; nós que assistimos contristados á anarchia medonha em que vai a instrução publica e principalmente o ensino primario no nosso paiz em virtude das successivas remodelações, reformas, organizações e reorganizações; nós que vemos com profunda magoa o quanto se acha descurada a educação moral das creanças, atrophiadas pelos engulhos com que os espaventosos programmas lhes engorgitam as debéis intelligencias; nós, em summa, que nos péza ver por ali tantos *sobios, soi-disant*, sem que, ao menos com essa apregoada instrução, hajam recebido as noções mais rudimentares da moral, as regras mais simples da civildade ou os conhecimentos mais superficiaes da doutrina christã, e que vemos a *escola* dar-nos em vez de perfeitos cidadãos uns completos pedantes infatuados, que atrevidamente se entremettem em todas as conversações litterarias e em todas as questões de administração publica sem que d'isso nada perceba, achamos que não será malecabido, n'esta occasião, apresentarmos n'esta revista um pequeno esboço do que eram os oratorianos e enumerar os esforços com que elles contribuíram para affastar a mocidade da nefasta influencia jesuitica, que a fanatisava e lhe resequia as viçosas petalas das flôres da alma, d'essas flôres tão bellas, que pouco a pouco desabrocham no coração juvenil, rescendendo suaves perfumes, mas que tão facil é ao mau educador fazer estiolar no lodo das paixões e nos maleficos effluvios d'uma ruim orientação disciplinar.

Deve a Congregação do Oratorio a sua fundação ao veneravel padre Bartholomeu do Quental.

Nasceu este santo e douto varão no logar de Fenaes, perto da cidade de Ponta-Delgada no dia 23 de agosto de 1626, (como diz o seu biographo o Padre José Catalano) em uma quinta que pertencia a seus paes, Francisco de Andrade Cabral e D. Anna do Quental de Novaes, ambos descendentes de moí nobres familias da ilha de S. Miguel segundo se lê na *Historia Insulana* do Padre Antonio Cordeiro, L. V, Tit. VI, § 197.

Foi baptisado na igreja de Nossa Senhora da Luz, do logar de Fenaes de Ponta-Delgada, hoje chamado *Fenaes da Luz*.

Começou o padre Bartholomeu do Quental os seus estudos de philosophia em Lisboa, para onde veio muito novo ainda. Ignoramos em que collegio elle iniciou os seus estudos. Tendo apenas 17 annos passou a Evora onde cursou a theologia especulativa no famoso collegio da Purificação, casa fundada pelo cardeal rei em 27 de junho de 1579, vinte annos depois d'aquelle principe, quando regente, ter fundado a universidade d'Evora.²

N'esse collegio em breve Bartholomeu do Quental excedeu em muito o insigne theologo seu mestre, o P. M. Diogo Fernandes. Dahi seguiu para a universidade de Evora onde se graduou mestre em Artes em 30 de junho de 1647.³ Em seguida foi concluir o estudo de philosophia na universidade de Coimbra onde alcançou mais dois graus.⁴

Ordenando se em dezembro de 1652 foi nomeado pela Mesa da Consciencia e Ordens vigario da igreja matriz de Nossa Senhora da Estrela da Villa de Ribeira Grande.

Dois annos depois, el-rei D. João IV, movido pela fama do seu grande saber e exemplares virtudes, nomeou-o capellão da sua real capella, bem como pregador e confessor da casa real.

Fallecendo D. João IV e regendo o reino a rainha viuva, D. Luiza de Gusmão, o santo e veneravel confessor, tratou logo habilmente de se aproveitar da influencia que o seu exemplar modo de viver exercia no espirito d'aquella piedosa princeza para conseguir d'ella a permissão de crear na capella real um oratorio consagrado á Virgem Mãe de Deus, ao mesmo tempo que para melhor

predispôr as sympathias e crear adhesões da gente do paço foi escrevendo e publicando religiosos livrinhos de meditações.

Satisfeitos os seus desejos e concedida a regia auctorisação, Bartholomeu do Quental congregou diversos sacerdotes, conhecidos pela exemplaridade do seu viver e pelos dotes do seu saber, para realizar a sua obra meritoria, estabelecendo na Capella uma escola de theologia mistica com o intuito de crear bons clérigos seculares.

Entre os educadores achavam-se os padres João Duarte do Sacramento que depois foi promovido no bispado de Pernambuco, Nicolau Monteiro, mais tarde bispo do Porto, o padre João do Guarda, celebre pelos seus dotes de espirito, e os padres Manuel da Costa e Manuel de Lima, dois varões de atilado engenho.

Inaugurou se o Collegio, e affluiram os discipulos. Os mestres eram poucos, mas de animo forte. Sustentava-os o fogo sagrado do dever, acalentava-os o desejo ardente de aperfeçoar a humanidade, encaminhal a na vida moral e evangelisar a verdade eterna ao povo, e, mui essencialmente á aristocracia, aos soberbos e vaidosos palacianos, que tomando o exemplo da sua rainha accorriam presurosos a ouvir as eloquentes predicas e a assistir ás lições dos ditos padres.

Essa obra meritoria foi por assim dizer o germen da famosa congregação que quasi um seculo depois havia de afundir o jesuitismo e a sua nefasta influencia no ensino publico, foi a enfezada radícula que tanto se havia de expandir fertilizando as juvenis intelligencias dos mocos estudiosos, moralizando o clero secular, e, por momentos, affastando a nobreza dos manejos da Companhia de Jesus.

Era o trigo que se ia separando do joio, graças á persistencia d'aquelles cultivadores da alma, e por isso não admira que o veneravel Bartholomeu do Quental encontrasse no seu caminho formidaveis inimigos que por vezes tentaram destruir a sua obra.

Em 3 de maio de 1664, sendo já a esse tempo regente o principe D. Pedro (depois rei, 2.º do nome) o padre Quental pediu, e obteve, a faculdade de, sobre as bases da sua pequena aula de theologia, fundar uma grande congregação de clérigos, ou associação religiosa sujeita aos poderes do Estado. Essa congregação seria á imitação d'uma outra que em 1550 havia instituido em Roma na igreja de Santa Maria de Vallicella o famoso florentino S. Filippe Nery e tinha sido approvada em 1575 pelo papa Gregorio XIII e depois confirmada em 1612 pelo pontifice Paulo V.

Chamava-se do *Oratorio* porque os congregados, de pé, em frente da igreja, convidavam os fieis á oração.

Foi isto como o prenuncio da lucta entre os jansenistas e os molinistas sobre a graça, o livre arbitrio e a predestinação. Os jesuitas, infatuados no seu congruismo e nas phantasias sophisticadas de Molina, não queriam conceder que o commentario de Jansenio, o celebre arcebispo de Yprés, fosse a interpretação fiel das doutrinas de Santo Agostinho. Era um commentario herectico, diziam elles, e as cinco proposições de Jansenio deviam ser condemnadas. Felizmente Pascal, Arnault, Nicole, e grande numero de theologos eruditos, defenderam a obra incriminada. O padre oratoriano Quesnel publicou a esse tempo as suas *Reflexões moraes sobre o Novo Testamento* no qual elle pretendia achar por completo os principios de Jansenio, Pascal as suas *Cartas provinciaes* e os seus *Pensamentos*, que fuimstavam as proposições do jesuitismo.

Mas os jesuitas tinham poder enorme. O celebre e grande collegio de Port Royal, ao qual pertenceram Racine, Nicole, Lancelot, Lemaitre de Sacy, os dois Bignon, A. de Harlay e outros jansenistas, foi mandado fechar...

Entretanto Bartholomeu do Quental ia estudando os estatutos de S. Filippe Nery e comparando os com os do *Oratorio de Jesus*, em França, do padre Berulle e ainda com os de outras congregações identicas, todas contrarias ao methodo jesuitico.

Como acabamos de demonstrar vê-se que nada havia de commum entre os Oratorianos e as ordens regulares.

(Continúa)

SILVA PEREIRA.

¹ *Evora Gloriosa*: pelo padre Francisco da Fonseca, pag. 724.

² *Gabinete Historico*, tomo V, pag. 58.

³ *Vida do veneravel Bartholomeu do Quental* pelo padre José Catalano.

⁴ Vejam-se os numeros 311, 332, 333, 336, 337-340, 351-353, 369-371, 398-408 e 424.

SILVA PORTO



Antonio Carvalho da Silva Porto se chamava o grande artista, que a morte prematura arremessou para o tumulo, aos 43 annos de idade.

Era já uma gloria da pintura portugueza, n'este paiz onde a Arte difficilmente se impõe e consegue vencer a irreductivel barreira do indifferentismo publico, porque era um obreiro infatigavel, illuminado por um talento vigoroso, todo dedicado á sua querida arte, vivendo por ella e para ella, ora estudando-a nos livros, ora contemplando-a na natureza, prescrutando lhe os segredos, e triumphando por fim, nas suas telas luminosas em

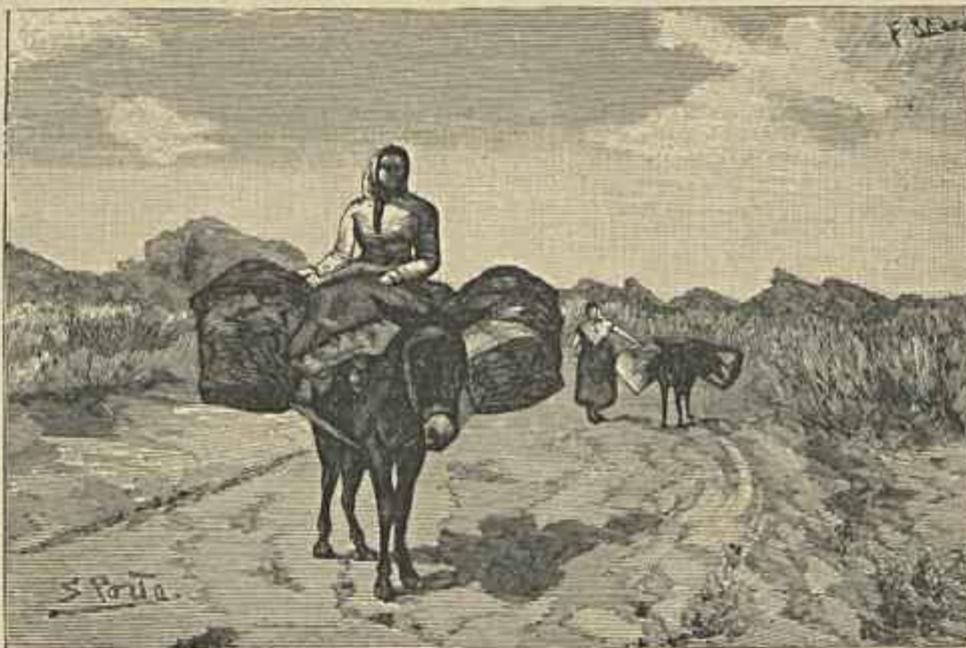
que retratava a paisagem alegre d'esta peninsula doirada de sol, com aquelle sentimento e poesia que o fez um eleito da arte, um mestre, que o consagrou pintor entre os pintores mais distinctos do mundo moderno. E não exaggeramos compreendendo Silva Porto entre os mais precunizados pintores contemporaneos que lá fóra cultivam a grande arte, porque elle daria gloria a qualquer d'esses grandes centros artisticos que triumpham na França, na Italia ou na Austria, se lá tivesse nascido e vivido pintando as suas paisagens, a vida do campo.

Se elle tivesse nascido lá fóra a sua fama correria a par da de Rosa Bonheur, de Troyon ou de Van Marcke e os seus quadros seriam disputados a peso d'ouro para os primeiros museus d'arte ou para as galerias particulares dos mais opulentos amadores.

E no entanto, em Portugal trabalhou extraordinariamente para não passar da mediania que só é permittida aos mais felizes, que á força de talento conseguem despertar uma tardia e quasi complacente attenção.

A influencia de Silva Porto na Arte portugueza foi evidente. Ao seu talento e á sua actividade se deve o renascimento da nossa escola de pintura, que tinha chegado ao mais desolado abatimento.

Dos artistas que se tinham educado na Academia de Bellas Artes após o ser creada, restava Annun-



A VOLTA DO MERCADO

Quadro de Silva Porto

ciação, que fóra talvez a estrella mais brilhante d'aquella constelação, e que luctára heroicamente para triumphar nas suas preciosas telas de pintor paesagista e animalista, e conseguira aureolar o seu nome de fama que ainda não esmoreceu. Mas Annunção morreu em 1879 e com elle se perdeu o professor da aula de paisagem da nossa Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

Silva Porto concluiu então no estrangeiro, os seus estudos de pintura e recolhiu a Portugal. Vinha de molde para preencher a vaga deixada por Annunção, e assim foi nomeado interinamente professor de pintura da aula de paisagem.

Não se fez esperar a influencia do novo professor nos discipulos da sua escola. A pintura principiou a tomar entre nós uma feição nova que a approximava do que se faz lá fóra, nos centros mais adiantados da arte de Paris e de Roma, donde Silva e Porto vinha de aprender com Cabanel e Groseillez, laureado pelos mestres e premiado no Salon.

Em 1881 realisava-se a primeira exposição de arte do Grupo do Leão, nas salas da Sociedade de Geographia, á frente do qual se encontrava Silva Porto. Esta exposição era uma revelação e uma revolução no nosso pequeno mundo d'arte. Ali

appareciam novos artistas, ainda estudantes, como Antonio Ramalho, João Vaz, Malhóa e outros que procuravam reformar os seus processos de pintura com maior ou menor felicidade, notando-se em uns uma escola inteiramente nova e em outros o desejo de se emanciparem de vicios ou erros de educação artistica.

O publico applaudiu a tentativa do pequeno Salão, de Lisboa, e desde então principiam regularmente as exposições annuaes d'arte, crescendo de anno para anno, com os novos artistas que se iam agremiando, o numero das obras expostas.

Este renascimento que se manifestava de forma tão eloquente e promettedora, devia-se a Silva Porto, que era o primeiro a dar o exemplo de trabalhador infatigavel, a animar os discipulos a secundal-o nos seus esforços pelo levantamento da pintura em Portugal.

É longa a lista dos quadros de Silva Porto, em numero não inferior a quatrocentos, os mais notaveis dos quaes se encontram reproduzidos nas paginas d'este periodico, principiando pelo seu quadro da *Charneca de Bellas* ate ao ultimamente exposto, *Conduzindo o rebanho*, publicado a paginas 116 do presente volume, e adquirido pelo sr. dr. Ayres de Campos.

Os seus quadros, *Os bois* pertencente ao sr. conde de Valençães; *A Salmeja, Na arribana* e *os Campinos*, comprados por El-rei D. Luiz; a *Barca de passagem em Sereleis*, adquirido pelo sr. dr. Rebello da Siva, são todos de primeira ordem, sem enumerarmos, por ser impossivel nos limites d'este artigo, tantas outras telas de subido valor, porque a verdade é que todos os quadros de Silva Porto se recommendam pela naturalidade e singeleza captivante, onde não ha *fi-celles* nem effeitos preparados e conhecidos de hesito seguro, mas que nem sempre abonam o talento do artista e muito menos a honestidade e sinceridade do pintor.

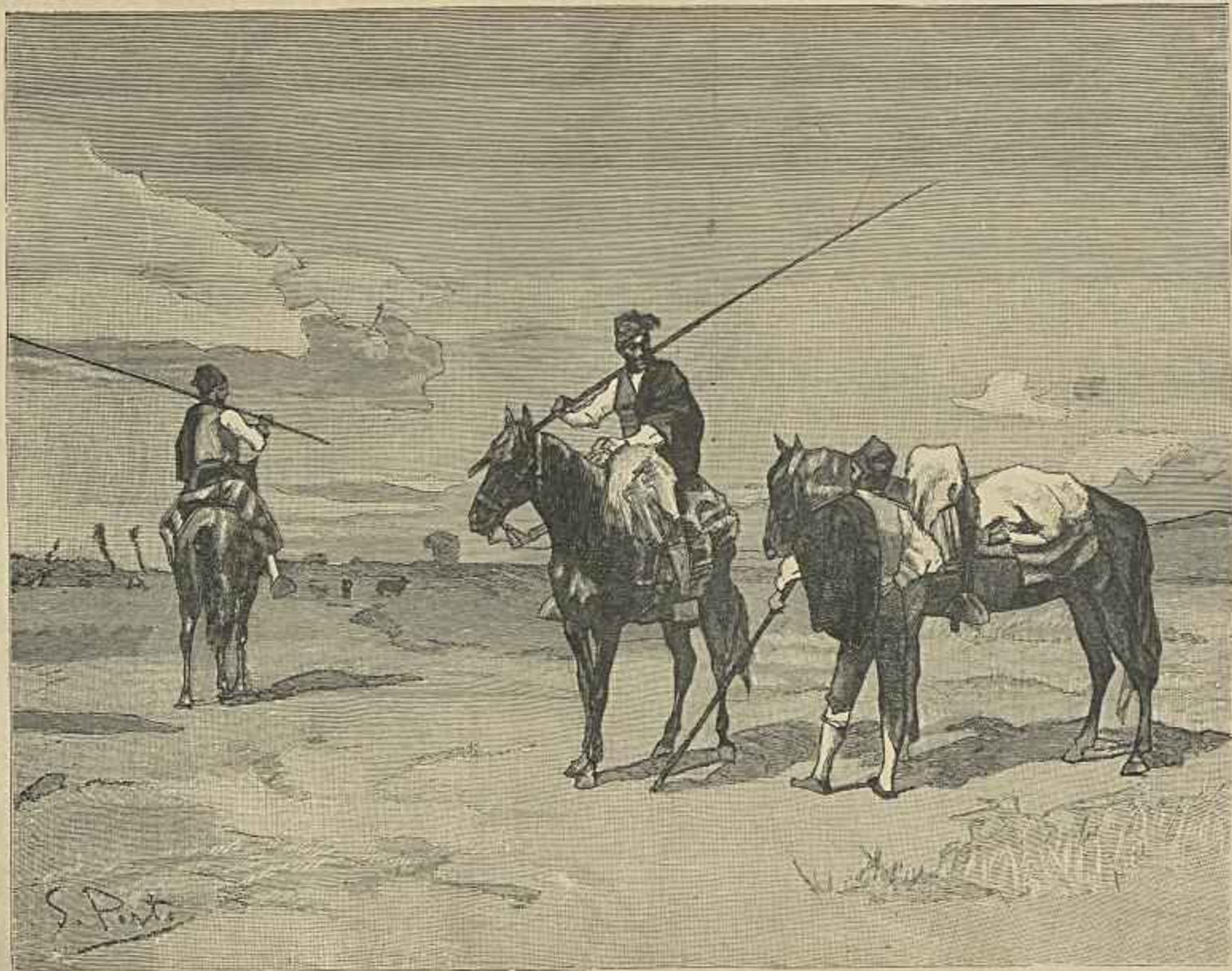
Ali não se encontra nada d'isso. Os quadros de Silva Porto, representam todos estudo sincero e intelligente; em todos elles se encontra a natureza interpretada com raro talento, em todos elles se vê a alma do artista, do poeta bucolico.

É no campo que elle procura os seus mais dilectos motivos e quer nos apresentar a sua grande tela *Os campinos*, cheia de verdade e de ar desenhando uma d'essas scenas das vastas Lesirias da outra margem do Tejo, quer attendamos na sua *Volta do mercado*, ou *Na arribana*, encontramos sempre a mesma observação, tão simples mas tão superiormente vista e comprehendida, que o espirito fica satisfeito porque reconhece n'aquellas telas o que já viu na nature-



NA ARRIBANA

Quadro de Silva Porto



OS CAMPINOS, QUADRO DE SILVA PORTO.

(Desenho do mesmo actor)

za, como em um espelho, atravez da alma creadora do artista.

Nasceu Antonio Carvalho da Silva Porto, na cidade Invicta a 11 de novembro de 1850. Em 1865 matriculou-se na Academia Portuense de Bellas Artes, onde fez um curso distincto que lhe abriu caminho para as escolas estrangeiras.

Assim foi estudar para Paris em 1873 e de lá voltou em 1879 premiado, e com um futuro promettedor.

Como dissemos, entrou n'aquelle mesmo anno para a Academia de Bellas Artes de Lisboa, nomeado interinamente para professor da cadeira de pintura de paisagem, passando em 1883 á effctividade, e regendo ultimamente o curso geral de desenho de paisagem.

Durou só 14 annos o seu ensino na escola, mas que influencia não teve no nosso meio artistico esse ensino e salutar exemplo, e onde chegaria ainda se a morte lhe não surpreendesse a marcha já gloriosa da sua vida!

Infelizmente não foi elle o unico artista de talento que a morte prematura tem roubado á arte portugueza. Precederam-no no tumulo, Annunciaçào, Metrass, Christino, Lupi, outros tantos eleitos que se finaram prematuramente quando mais se esperava do seu talento, o que faz meditar tristemente sobre a fatalidade que presegue o nosso pequeno mundo artistico roubando-lhe soffrega e cruelmente os seus melhores talentos.

Quando em 1886 reunimos aqui mesmo algumas notas biographicas de Silva Porto terminavamos essa pequena biographia com estas palavras:

Silva Porto está em pleno vigor da vida, e em cada dia que passa, no atelier ou nas suas escurasões pelo paiz, elle lá vae em busca de novos assumptos para os seus quadros; esperem por elles e estamos certos que serão outras tantas paginas honrosas para a arte e para o artista.

Hoje não acontece o mesmo e terminaremos com as palavras de Zacharias d'Aça a beira da sepultura do glorioso artista:

«Findas-te a tua missão.
«Como disse Castilho d'outro principe.

Vae receber a feria;
descansa: é posto o sol.

«Aqui te ficam as côroas, para nós só queremos as saudades.»

Caetano Alberto.

O LIVRO DE JOB ¹

CAPITULO XL

Do nimbo respondendo a Job, sus continda:
— Dispõe-te para ouvir-me, e vê se a sciência tua responde ao que eu pergunto. Acaso mostrarás que é vão o meu juizo, e me condenarás para provar que és justo? Assim como eu, bracejas? É com voz semelhante á minha voz, tropejas?

Ergue-te em alto sôllo, enche-te de esplendor de gloria te circunda e adorna-te a primôr; com tua ira aniquilla os grandes e os valentes, e com um só olhar, humilha os insolentes; para os suberbos olha, e abate-os sem cessar, e os impios atormenta em seu próprio logar; escondendo-se sob o pó, lança-os na covã a esmo; e então conseguirás salvar-te por ti mesmo.

Repara no elefante, o qual criando foi contigo, e se repasta em feno, como o boi. A fortaleza d'elle está no seu costado, e, o seu vigor, do umbigo e ventre é derivado; a sua cauda é rija, igual a o cedro até, e cada nervo seu como uma corda é; seus ossos são de bronze, e em comparar não erro as cartilagens d'elle ás lâminas de ferro. Nos caminhos de Deus, tem principal logar, e Deus, que o criou, sabe a espada d'elle usar. Nasce hei va para elle em cada monte ou boiça, e outro animal qualquer sobre elle se refoiça. Em húmido logar, entre os canaviaes, dorme, e fazem-lhe sombra, os verdes salgueirais. Pôde absorver um rio e a sêda não mitiga; e espera que o Jordão lhe caiba na barriga. Com um simples anxo, pôde-o alguém apañhar e com agudos paus as ventas lhe furar?

¿ E quem há de pescar com anzol, a baleia?
¿ E quem, com uma corda, a lingua lhe encadeta?
¿ De pôr-lhe em o nariz argolas és capaz?
¿ e furar com anel seus queixos poderás?
¿ A ti dirigirá seus rogos porventura,
e contigo terá palavras de ternura?
¿ Com ella poderás acôrdo algum fazer?
¿ Pôde ella, para sempre, escrever tua sêr?
¿ Contigo brincarás como avezinha mansa?
¿ Por ti atada em casa, ao pé de ti descansa?

¹ Excerpto do Livro de Job, que o nosso querido amigo e primoroso poeta, sr. dr. Candido de Figueiredo, está passando para versos portuguezes, consagração litteraria que este extraordinario livro da Biblia, ainda não tinha tido entre nós.

A Redacção.

¿ Acaso amigos teus a saberão partir
e os homens de negocio a podem dividir?
Dize se a tua rede a sua pelle abraça,
e se a cabeça della abaracas numa nassa.
Pôe nella a tua mão; não deixes de lembrar
o que podes valer, e deixa de falar.
Que ella emfim, enganada em quanto pôde e espera,
dos homens na presença há de acabar, a terra.

Candido de Figueiredo.

ORIGINALIDADES

(CONTO BRITANICO)

(Continuado do numero antecedente)

A jovem tomou o e leu n'elle «Williams Kear, supplica a honra de ser apresentado a v. ex.^a»

— E' seu hospede?

— Sim, minha senhora: ha pouco mais de meia hora.

— Esse homem é doido?

— Não, minha senhora, é inglez.

Amabel reflectiu e disse.

— Pois bem, que entre... Mas não, não, atalhou logo; se é inglez não dispensará a apresentação: queira dizer a esse cavalheiro que espero a sua apresentação. Curvou-se o hospedeiro e foi á sala onde o inglezo esperava a pé, todo apumado.

Amabel deu no espelho uma vista d'olhos ao penteado, compôz um dos aneis do cabelo, que não lhe caia bem sobre a fronte, e entrou na saleta dos seus aposentos.

Acabava apenas de o fazer quando já se ouviam no corredor os passos do inglez e do outro: Amabel percebeu que paravam á entrada da ante-câmara e que depois avançavam resolutamente, e o seu coração pareceu-lhe que deixara de pulsar; esteve prestes a desfallecer.

Williams, que ia na dianteira, deteve-se á entrada da saleta, não tanto pela etiqueta, a que por motivo algum faltaria, como por ter fitado tão inesperadamente pela segunda vez aquella realidade das visões do seu espirito.

— Senhora! tenho a honra e a satisfação de apresentar a v. ex.^a um dos mais distinctos cavalheiros do grande reino unido, mr. Williams Kear, gentlemen de puro sangue, e, presentemente, meu muito estimavel e respeitoso hospede. E voltando-se para o inglez:

— Tenho a ventura e a honra de apresentar a milord miss Amabel de Lippe, irmã d'um distincto cavalheiro, natural d'um dos estados da grande confederação germanica, e, actualmente, muito minha estimavel e respeitavel hospeda.

Williams deu um passo e curvou-se com graça misturada de um profundo respeito.

Amabel baixou levemente a cabeça e com um amavel sorriso offereceu uma cadeira junto do sophá.

Estava feita a apresentação, preenchida a formalidade, e por isso o helvético retirou-se com muito menos dignidade e apurmo do que exhibira momentos antes.

Agora, complacentes lectoras, que vos esbocei todo o ridiculo das exigencias dos nobres filhos de Albion, que desprezam o incidente casual que faz encetar as relações; que preferem a interferencia d'um personagem caricato e tóo á voz secreta dos corações que chama á intimidade, e que é mil vezes preferível ás apresentações de um desconhecido ou ás de um lacão; poupa-me a descrever o dialogo intimamente travado por Williams, e sirva o primeiro esboço de dispensa ao segundo.

O que vos peço não é um simples cumprimento pois, com a maxima sinceridade que me caracteriza aqui declaro que me seria de uma difficuldade extrema, senão impossivel, seguir a torrente impetuosa de adjectivos e superlativos com que o gentleman de puro sangue, como ingenuamente o definiu o helvético, exaltou a belleza sublimada de Amabel e a fascinação rapida e dominadora que n'elle produzira o reflexo d'aquella imagem, dando-lhe de chapa no coração.

O amor resaltava-lhe dos labios ás golfadas, enchendo e enebreado o coração de Amabel, que, por ser a primeira vez que escutava aquella linguagem, por isso a impressionava mais viva, mais profundamente.

Williams podia contar com a victoria: tinha do seu lado a paixão vehemente, que lhe dava a força, o entusiasmo, e por isso o combate, se o houvesse, seria apenas *pro forma*. Amabel não era reducto que offerecesse resistencia a um soldado leal, que asteasse a bandeira do amor e tivesse por armas as setas não do cupido travesso, ce-go, traiçoeiro, mas do cupido pacato, sisudo, pre-

cursor do matrimonio; e estas armas manejava-as deístra e lealmente o nosso bom do inglez.

Sabemos já que Amabel sonhara muitas vezes com o casamento, não tanto pelo casamento em si como pelo marido, que lhe afugentaria aquella aridez d'alma, que tão intimamente se enlaçava com o seu mal physico, que pareciam ir d'accordo para lhe amargurarem o viver.

Por isso se Amabel não deu logo um sim muito sonoro e positivo ao delicado e ceremonioso pedido matrimonial feito pelo lord, foi porque o pudor lh'o impediu embargando-lhe a falla no momento mesmo em que o ia articular.

Não se crea, porem, que o coração de Amabel fosse completamente extranho ao assentimento tacito da sua vontade. Erga-a do lodo d'esse materialismo quem a tiver rebaixado a tal ponto.

Posto que para muitos as gerações espontaneas sejam um mytho, eu, deixando em paz e nas suas convicções os que regeitam as physicas ou dos corpos, acredito nas psychologicas ou do coração, e isto bastava-me para crer firmemente na possibilidade de um amor sincero gerado por esta forma no coração de Amabel.

Mas as que de todo não quizerem conformar-se com esta opinião naturalissima, dir-lhes hei que poderão encontrar no todo cavalheiroso do gentleman, na força do dizer elegante e fluente, no gesto altivo, modelado pelos affectos do coração, no fogo magnetico mesmo despedido do olhar abrasado de Williams, o germen d'aquelle amor, que faria dobrar o joelho do lord, se elle podesse ler n'aquelle momento no mais recondito da alma de Amabel.

Em resumo: tudo isto equivale precisamente a dizer que Amabel não regeitou nem offereceu grandes obstaculos á pretensão de Williams, e somente por delicadeza, pudor ou por um sentimento naturalissimo de amizade e consideração para com Maximiliano, declarou nada resolver sem primeiro ouvir o parecer de seu irmão, a quem desejava expor no dia immediato o objecto d'aquella entrevista, na certeza que esta em nada a offendera, sendo-lhe aliás muito lisongeira e até certo modo agradabilissima.

Williams, que era homem de dizer e fazer, não pareceu muito satisfeito com a demora que á execução do seu plano offerecia a primeira parte da resposta da sua bella, pois preferiria travar-lhe n'aquelle momento do braço e conduzi-la á *mairie* sem mais formalidades.

É incontestavel que quem pretende deve munirse de uma boa dose de resignação, e esta deveria ser para Williams tanto mais suave quanto tinha já motivos para contar com um feliz exito, attenta a maneira benevola como Amabel o acolhera nas ultimas palavras da sua resposta. Resignou-se pois.

Um dia depressa corre, mas Williams para que elle deslisasse mais rapidamente a cada momento forcava os ponteiros do seu chronometro a Galgarem alguns minutos!

Effeito do amor que tãoo é a seu modo, que tudo julga possível, ainda que seja uma contradição palpavel ás invariaveis leis cornologicas do universo.

Por mais distanciadadas que fossem as digressões de Maximiliano era sabido que no ultimo dia da semana se apresentava invariavelmente a cumprimentar sua irmã, e a tributar-lhe a habitual menagem de passar em sua companhia o dia de domingo.

Estando em sexta feira Williams não tinha que esperar portanto mais do que vinte e quatro horas para ouvir a resposta que seria a origem da sua felicidade ou da sua desgraça; e, se a sorte o auxiliasse, outro tanto tempo para tornar effectivo o consorcio.

Para um cidadão do meio dia da Europa não seria esse tempo demasiadamente longo, mas para Williams quarenta e oito horas era uma eternidade, um infinito.

Imaginou milhares de meios para fazer deslizar insensivelmente aquelle intervallo do primeiro acto do seu drama.

Os passeios, os exercicios hygienicos, os gymnasticos, os gastronomicos, tudo o que o homem tem inventado para matar o tempo, tudo, tudo foi posto em pratica mas nada preenchia o fim: por ultimo deliberou deitar-se e dormir a como solto.

Chamou John e dando-lhe conhecimento da resolução em que estava de dormir profundamente, ordenou-lhe não perturbasse o seu repouso, nem entrasse no quarto senão depois de se certificar de que Maximiliano regressara ao hotel.

O servo para quem todas as deliberações do amo eram enigmaticas como se fossem dictadas em *zeudi, poli* ou *sanscripto*, encolheu os hombros, levou o indicador á testa e accenou negativamente com a cabeça.

Na sua opinião o amo estava doído, ou, pelo menos, tinha tecla fortemente arruinada. Enganar-se-hia?

A imitação de Williams vamos sacudir a ampulheta para ver se é possível enganar o espirito em relação ao tempo, já que nos falta o ponto onde apoiar a alavanca que poderia aumentar a velocidade da rotação do globo.

Deixemos o lord no seu somno interminavel, John no seu scismar indefinido, Amabel na idealização do seu futuro esplendoroso, e, suppondo que as vinte e quatro horas foram já decorridas em todas as torres d'aquella cidade, aproximemo-nos do momento desejado por Williams, o da chegada de Maximiliano Carlos de Lippe.

Ao longe ouve-se já o resoar das trompas de caça; o tropel dos cavallos e o latido dos cães contudem o ar, que na sua ondulação leva aquelle som confuso ao interior das habitações e á superficie das aguas; mas por enquanto uma espessa nuvem de pó encobre á vista dos curiosos os espumantes ginetes, a formosa matilha e os galhardos caçadores, que regressam á cidade após alguns dias de alegres e divertidas correrias venatorias.

Em breve, porém, a nebrina do fino pó desapparece, o ruido aproxima-se mais e mais; os caçadores tornam-se distinctamente visiveis, dando o derradeiro aperto de mão e separam-se para ir repousar da fadiga do dilecto exercicio.

Maximiliano encaminha-se para o hotel, saudando graciosamente Amabel, que da janella espreitava ansiosa a sua chegada, apeia-se e sobe as escadas.

A esse tempo um vulto entrava rapido no quarto de Williams e gritava com toda a força pulmonar — chegou, senhor!

Era John, que fiel ás ordens do amo acabava de dar-lhe o signal de alarme.

N'isto Maximiliano tinha-se encaminhado para os alojamentos da irmã a quem recebeu nos braços e beijou affectuosamente.

Amabel conduziu-o até ao sophá onde o fez sentar, e encostando-se-lhe brandamente sobre os joelhos, começou por exprobar-lhe tão longa ausencia, mas tão meiga, tão affectuosamente, que das palavras não transluzia o mais leve enfado. Carlos afagou-lhe o cabelo negro e ligeiramente encrespado, chamou-lhe o seu anjo e, puxando-a para si, acabou por unil-a ternamente ao peito.

Foi assim, graciosamente agrupados, que Amabel, brincando quasi distrahadamente, naturalmente, com a faca de mato solta do cinto de Maximiliano, o que lhe permittia conservar os olhos baixos, semi-cerrados, começou em intima confidencia a relatar ao irmão a entrevista solicitada por Williams, concluindo por pedir o consentimento de Maximiliano, unico obstaculo que se levantava ás vontades reciprocas dos apaixonados.

O irmão ficou mal impressionado, occorreu-lhe logo a ideia de uma seducção, de uma burla, mas não quiz sobresaltar Amabel e guardou para si as suspeitas limitando-se a dizer:

— Muito bem, minha dissimulada; não a julgava susceptivel de uma paixão tão rapida, tão imprevisita. Vão lá fiar-se nas senhoras!...

Quiz continuar mas a irmã tapou-lhe a bocca com a sua pequenina mão obstando assim a que seguisse n'aquelle tom epigrammatico que a purpurava.

— Não direi mais, minha boa irmã; obtemperou Carlos beijando-lhe a nivea mão, pois vejo que te offendes. Procurarei Williams Kear, fallarei com elle para o estudar até onde é possível estudar um inglez, e se conhecer que é digno da posse do teu coração não me opporei porque te amo. Mas se o trato d'esse homem me revelar uma alma incapaz de comprehender a tudo, um coração indigno do teu, não annuirei ao sacrificio da minha adorada irmã, que mais ninguém possui hoje na terra para a proteger e amparar.

Amabel abraçou o irmão e n'este amplexo fraternal, em que a donzella deixou correr algumas lagrimas de saudade tributo santo á memoria da terna mãe, permaneceram os dois até que o criado annunciou que o jantar ia ser servido na proxima sala.

Levantou-se Carlos e tomando a mão da irmã conduziu-a para a mesa.

Minutos depois já Williams fazia chegar ás mãos de Maximiliano um cartão seu de cumprimentos, e pouco depois n'um outro solicitava a fineza de ser admittido á sua presença, e, finalmente, ao findar o jantar o criado annunciava sir Williams Kear.

Demorada foi a confidencia e longo por isso o exame a que o irmão de Amabel sujeitou o inglez.

Conheceu-lhe uma alma nobillissima e um coração apaixonado. A cabeça é que lhe pareceu não estar lá muito bem disposta na parte interna, mas isso não era essencial uma vez que tivesse coração para amar e alma para avaliar e sentir os affectos da irmã.

Estava pois sobrepujado o obstaculo e feita a felicidade dos dois, se a felicidade está na posse do que se deseja.

Ambos tinham os papeis necessarios para se organizar na *mairie* o processo matrimonial e só era necessario deixar correr o domingo, o dia seguinte, e no qual Williams não faria contracto algum, segundo as tradições religiosas da sua familia.

Esse dia passou-o Amabel a escolher a sua *toilette* de noiva e Williams a cofiar as suissas e a pulir as unhas.

(Continua)

A. Motta

OS MEUS LIVROS

XXIV

Dois livros novos.

Dois rapazes os auctores.

Intitulam-se os livros *Novellas portuguezas* e *As donatarias de Alemquer*.

O auctor do primeiro o nosso collega Carlos Sertorio Fontes Pereira de Mello, e do segundo o nosso amigo João Franco Monteiro.

Carlos Sertorio é já sobejamente conhecido no mundo das letras pelo seu monologo *Dom Romeu*, *Duas chronicas* já em 2.^a edição, *Fascinação do Abysso*, *Esboço critico* da tradução *Les Lusindes* magistralmente obtida por Garin, e *Historias uteis*.As *novellas portuguezas*, de Carlos Sertorio, desrollam-se em tres contos sobre os titulos de: *O caçador caçado*, *O conselheiro* e *O Palacio dos Vallardras*.O *conselheiro* é o conto de que mais gostamos. E é de facto o de maior valor, já pelo muito estudo que representa, já pelo superior talento e graça genuinamente portugueza que d'elle resalta em chispantes *saillies*.

Os personagens são descriptos com vigoroso traço, não ha esboços, são figuras nitidas que ficam por muito tempo no nosso espirito, como as dos romances de Camillo ou de Eça de Queiroz.

Orgulha-nos ver um nosso compatriota honrar assim a litteratura patria com tão bello livro. Ha ali verdadeiro ensinamento e rigoroso castigo para uma sociedade que parece regosijar-se em barafustar nos tremedões de uma politica que nunca a honrou.

Damos os parabens ao nosso querido e intelligentissimo confrade e auguramos um verdadeiro successo ás suas *Novellas portuguezas*.

Ao nosso collega Carlos Sertorio agradecemos-lhe não só a delicadeza da offerta como ter beneficiado o nosso espirito com leitura tão reparadora de aggruras e desalentos.

A obra de João Franco Monteiro é um livro de mais de cem paginas contendo uns perfis das rainhas de Portugal, D. Dulce esposa de D. Sancho I, — D. Sancha irmã de D. Afonso II, — D. Beatriz de Gusmão, esposa de D. Afonso III, — Rainha Santa Izabel a caridosa esposa do laborioso rei D. Diniz, — D. Constança esposa de D. Pedro I, — D. Leonor Telles do rei D. Fernando I, — D. Filippa de Lencastre do rei D. João I, mestre d'Aviz, — D. Izabel de Lencastre esposa do conde de Flandres e duque de Borgonha, — D. Leonor de Aragão, do rei D. Duarte I, — a rainha D. Izabel, de el rei D. Afonso V, — D. Leonor de Lencastre esposa do rei D. João II, — D. Leonor de Austria do poderoso rei D. Manuel I, — D. Catharina de Austria, esposa de el rei D. João III o *protector das letras*, — D. Luiza de Gusmão esposa de D. João IV, — D. Maria Francisca Izabel de Saboya esposa de el rei D. Afonso VI, — D. Maria Sophia de Neubourg, de el rei D. Pedro II, — D. Mariana de Austria, de el rei D. João V, — D. Marianna Victoria de Borbon, esposa de el rei D. José I.

A cada uma de estas senhoras dedica o sr. Franco Monteiro phrases cheias de elevação, avultando um criterio seguro de bons conhecimentos historicos.

Ha, por vezes, no trabalho do nosso amigo Franco Monteiro, uma critica desassomburada que des-

tão muito com as subserviencias que por ahí vemos, assignadas por homens que deviam ter mais respeito pelo paiz ao qual devem as posições que occupam.

A obra de Franco Monteiro foi primeiro publicada em artigos no respeitavel e honrado periodico *A Nação*.

Terminamos, felicitando o auctor pelo seu primeiro trabalho que revella uma decidida aptidão para as investigações historicas, e d'aqui lhe damos um aperto de mão pela deferencia da offerta.

Recebemos a *Nota alegre dos Tribunaes*, livro de 338 paginas, dividido em trinta e tres capitulos, por Alfredo Pinto redactor do *Seculo*; é já vantajosamente conhecido este jornalista pela sua collaboração nas *Novidades* e varios jornaes.

O livro é muito bem feito; as trinta e tres chronicas muito bem escriptas, revellando um verdadeiro talento n'um genero completamente desconhecido entre nós. Este methodo de conglóbar em livro a serie de artigos publicada em jornal, dia a dia, é de ha muito seguido no estrangeiro, se nos lembrarmos dos livros de Wolf, Catulle, e na especialidade que tratamos os de Paul Darras e A Bataille.

Alfredo Pinto, tendo verdadeira graça e bastante criterio soube aproveitar os diversos episodios que constituem a vida dos Tribunaes de Lisboa e assim offerece nos uma galleria interessantissima.

Para tornar conhecido o *modo de viver* das diversas camadas sociais, principalmente da capital, é que Alfredo Pinto nas suas *Duas palavras aos leitores diz*:

«Foi n'esse proposito que escolhemos, d'entre muitas outras, as *chronicas* que nos pareceram mais dignas de interesse, quer pelo lado comico, quer pelo lado triste e pungente, e formamos esta primeira serie, a que outras se seguirão caso o publico, esse grande *Galeoto* de que depende o bom exito de todas as emprezas, nos acolher com agrado e favor correspondentes ao bom desejo que temos de proporcionar-lhe algumas horas de distracção.»

Pois conseguiu o seu intuito, e completamente, porque, repetimos, é um dos livros de *estudo de tisa* da sociedade portugueza mais bem escripto, e pratico como nenhum.

Ao auctor, e nosso querido amigo de tantos annos, agradecemos muito reconhecidos a commovente dedicatória do seu bello livro, e aqui estamos ao seu dispor.

No proximo OCCIDENTE trataremos da obra historica e monumental que nos enviou o notavel homem de sciencia, o sr. Dr. Guilherme Studart, *Notas para a Historia do Ceará* que é a verdadeira historia de metade do seculo XVIII da America portugueza.

Mameel Barradas.



REVISTA POLITICA

Foi ainda o caso Burnay que occupou as attentões, nos ultimos dias, caso que afinal teve tanto de politico como de comico, não sendo facil distinguir se o que mais prendeu o espirito publico, foi a significação politica da camara regeitar um deputado que o tribunal competente julgou devidamente eleito, se o ridiculo que toda esta questão envolveu até final, ridiculo que precisamente mais augmentou, quando o sr. conde de Burnay enviou á camara a sua renuncia a deputado, e a mesma camara tomou conhecimento d'essa renuncia como se já o tivesse reconhecido e proclamado representante do circulo de Thomar.

Foi de um effeito superiormente comico o que n'aquelle dia se passou na sala do parlamento; n'aquelle dia em que o sr. Alpoim, o sr. Arroyo e o sr. Fernando Palha tinham engatilhado os seus discursos para combaterem a admissão á casa do parlamento do sr. conde de Burnay.

Imagine-se o desespero dos illustres oradores, que tinham preparado a sua rhetorica dos casos solemnes, irriçada de espinhos como dardos agudos capazes de tirar a pele ao neophyto parlamentar, que, segundo o que se dizia, tambem se preparava para pagar na mesma moeda.

A renúncia do sr. conde de Burnay caiu no centro da representação nacional como um copo de agua no meio de uma fogueira. Não apacou o fogo e antes mais irritou os animos, rompendo em chuva de improperios os citados oradores que a final já não tinham motivo de se agastarem, porque a causa cessara, devendo portanto cessarem os seus efeitos.

Extraordinario e triste tudo isto.

Nós somos completamente indifferentes a esta questão, porque tanto se nos dá que o sr. conde de Burnay se sentasse em uma cadeira do parlamento, ou em qualquer banco da rua dos Capelistas, mas no entanto faz-nos scismar n'esta guerra acintosa que se fez á entrada do poderoso banqueiro no parlamento.

Não nos parece que a causa d'essa guerra fosse unicamente a questão de nacionalidade, porque em fim essa quando outras coisas a não provas-

zenda, que o rendimento do papel sellado, no continente do reino, nos annos de 1891-1892 foi de 257:124\$395 réis, proveniente da venda de 1.120:493 folhas do sello de 55 réis, e 2.299'968 folhas de 85 réis.

Ora sabe-se que as comarcas de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe elevam se ao numero de 188, com 887 tabelliães e escrivães, e abatendo-se 64 d'estes funcionarios de 15 comarcas dos Açores que não entraram na referida conta, restam 823 escrivães e tabelliães com os seus respectivos cartorio onde, por um calculo muito lemitado, o consumo medio, nos 658 cartorios de escrivães não é inferior a um caderno de 550 e outro de 850 réis por dia, e nos 165 cartorios de tabelliães um caderno de 850 réis. Isto só, produz uma verba de 387:329\$250 réis, superior em 130:204\$855 réis ao total da conta apresentada.

Se a este calculo, bastante modesto, acresceni-



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Union Ibero Americana. Revista mensual n.º 94 do anno VIII. Typographia da Viuva de J. M. Ducarcal, praça de Isabel II, n.º 6, Madrid. E' muito curiosa esta bella revista cujas secções são: a official, a de litteratura, sciencias e artes, a de agricultura, industria e commercio; a de estatistica e bibliographia. Nitidamente impressa, garridamente lythographada e selectamente redigida.

Relação de Loanda. Relator o ex.º sr. dr. Ferreira da Cunha, minuta de agravo do despacho de pronuncia de Eduardo Braga proferido pelo



O MERCADO VINTE E QUATRO DE JULHO — DESTRUÍDO POR UM INCENDIO, NO DIA 7 DO CORRENTE

sem, ficava provada desde que o sr. conde de Burnay declarava cathegoricamente que era portuguez e queria ser portuguez, e, portanto, tudo se reduzia a documentar essa declaração de modo que sua ex.ª não podesse amanhã vir dizer que era belga, ficando com as duas nacionalidades para seu uso.

Não sendo este mais que o motivo aparente da recusa do sr. conde de Burnay, outro ou outros motivos devem existir, que não nos é dado devasar, e que talvez o tempo se encarregue de explicar como nos parece que tambem virá a explicar-se a syndicancia ao emprestimo dos tabacos e pagamento dos titulos de D. Miguel.

E já que estamos em maré de casos escuros, outro caso escuro se nos depara agora que se estão discutindo no parlamento as propostas de fazenda, tendo sido já votada a que se refere ao imposto do sello. É precisamente sobre este imposto que encontramos uma certa escuridão quando lemos, na proposta do sr. ministro da fa-

tarmos o papel sellado que se consome nas varias repartições administrativas, nas regedorias e juizes de paz, nos escriptorios de advogados e procuradores, nos cartorios parochiaes, e no incalculavel numero de requerimentos e attestados, facilmente se reconhece que a conta de venda de papel sellado no continente que figura na proposta do sr. Fuschini, é insufficiente.

Haverá ou não aqui um caso escuro?

Como é feita a administração e fiscalisação d'este imposto?

Não será por estes e outros factos semelhantes, que por mais impostos que se criem e agravem não se chega á receita necessaria?

Muito ha que fazer se se quiser administrar bem os impostos do Estado, e se essa administração fosse o que devia ser, como ficaria alliviado o contribuinte e desafogado o thesouro.

juiz de direito de Benquella. Impresso na typographia de A Semana. Benguella, 1893. Está bem redigido este escripto juridico e logicamente deduzido. O crime de que o sr. Eduardo Braga é accusado de rebelião, evidencia a innocencia do accusado, no decorrer da curiosa minuta.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Foço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

João Verdades.

Adolpho, M. Anato & C.ª, Imp. — R. Nova do Lourival, 25 a 29